

SESC – DER NORTE 2

Projeto Escola e Artes

Abril | Junho 2020

EXPOSIÇÃO DE ARTES VISUAIS

para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e alunos do Ensino Médio

Visitas às obras com a mediação de arte-educadores

ABRIL 28 ter, 29 qua, 30 qui

MAIO 05 ter, 06 qua, 07 qui

12 ter, 13 qua

19 ter, 20 qua, 21 qui

26 ter, 27 qua, 28 qui

JUNHO 04 qui

Terças, às 8h30.

Quartas, às 14h30.

Quintas, às 14h30 e 20h.

CONFLITO, INSURGÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

A exposição é a terceira parte de uma trilogia inspirada pela obra "Os Sertões", de Euclides da Cunha, famoso relato publicado no início do século 20 sobre a Guerra de Canudos, quando o autor era correspondente do jornal O Estado de São Paulo. Dividido em três grandes blocos - a Terra, o Homem e a Luta - o livro se tornou um clássico e é referência para gerações de escritores desde sua publicação. O primeiro ciclo desta série foi inspirado por "A Terra". Sob o título "Terra, Propriedade e Sociedade" ocupou os espaços expositivos do Sesc Santana no primeiro semestre de 2019. O segundo fez referência a "O Homem", com investigações sobre ancestralidade, memória e alteridade. O atual projeto trata do último bloco, "A Luta", com obras dos artistas Denilson Baniwa, Regina Parra, Coletivo Trovoa e Mulambö.

A exposição se debruça sobre as nuances do que é considerado como luta nos dias de hoje. Pelo o que se luta? Quais as armas possíveis? Para além do físico, são pontuados outros tipos de embates possíveis: a palavra, a imagem, o desenho, outras estratégias viáveis para se pensar a sobrevivência hoje, questionando

os modos de existência convencionais e buscando possibilidades de resistir na atualidade. Para além de lutas, a arte se apresenta como espaço possível para pôr em pauta diálogos acerca de disputas históricas e simbólicas.

É preciso continuar

De Regina Parra

A partir de uma pesquisa sobre as relações entre opressão e insubordinação, a artista Regina Parra vem elaborando desde 2005 pinturas, vídeos, performances e instalações que trabalham uma arqueologia da violência. Com dois neons instalados na Área de Convivência da Unidade, as obras provocam os visitantes através da interferência que causam no espaço. As frases expostas questionam posicionamentos e ações, uma reflexão em relação a outros discursos estabelecidos.

Regina Parra é bacharel em artes plásticas com orientação de Paulo Pasta, em 2008, e mestre em artes visuais com orientação de Lisette Lagnado, em 2011. Formou-se inicialmente em teatro, em 2000, sob orientação de Antunes Filho.

Pussanga-Poçang

De Denilson Baniwa

A obra é composta por três vídeo-instalações do artista que tratam sobre a expansão agrícola e a violência contra os povos indígenas neste processo. Mais do que uma denúncia, a série é uma ode à resistência indígena durante todos esses tempos desde 1500, que agora é representada por jovens indígenas que se apropriam das tecnologias e meios de comunicação para fazer uma frente de luta por seus direitos e cultura. O projeto nasce a partir da observação de como o agronegócio criou lobbys a seu favor e com apoio da grande mídia que exhibe repetidamente o quanto o agro é necessário ao Brasil, como uma propaganda alienante e hipnotizante. O projeto busca rever esses conceitos e provocar reflexões a partir do lugar indígena contemporâneo.

Denilson Baniwa, 35 anos, nasceu em Mariuá, no Rio Negro, Amazonas. Sua trajetória como artista inicia-se a partir das referências culturais de seu povo já na infância. Na juventude, o artista inicia a sua trajetória na luta pelos direitos dos povos indígenas e transita pelo universo não-indígena apreendendo referenciais que fortaleceriam o palco dessa resistência. Denilson Baniwa é um artista antropófago, pois apropria-se de linguagens ocidentais para descolonizá-las em sua obra. O artista em sua trajetória contemporânea consolida-se como referência, rompendo paradigmas e abrindo caminhos ao protagonismo dos indígenas no território nacional.

Traçantes

De Mulambö

Primeira mostra do artista em São Paulo, Traçantes apresenta o trabalho de restituição de potências realizado por Mulambö por meio de intervenções em fotografias que circulam entre matérias de jornais e redes sociais. A cada intervenção, a intromissão de elementos digitais ressignifica e rearticula as relações de poder contida nas imagens originais.

Mulambö, 1995, nasceu João e cresceu entre as cidades de Saquarema e São Gonçalo. Trabalha pensando nas forças que constroem o existir periférico no Rio de Janeiro através de materiais do cotidiano como papelão, tijolo e fotos de redes sociais, por exemplo. Assim, procura encurtar distâncias, porque antes de ser artista, é neto, filho e padrinho e faz arte para afirmar que não tem museu no mundo como a casa da nossa avó.

Trua

De Coletivo Trovoa

Intervenção com 4 artes realizadas por 10 artistas do Coletivo Trovoa: Gabriela Monteiro e Heloísa Ariadne (SP), Ione Maria, Sheila Ayo e Micaela Cyrino (SP), Nathê Ferreira (PE), Silvana Mendes (MA) e Kerolayne Kemblin (AM) e Terroristas del Amor - Dhiovana Barroso e Marissa Noana (CE). Trua é uma expressão cearense - truar. Quando algo está "truando", é porque está fluindo e é bom. "Truar" é fazer barulho, mexer e estrondar.

Oriundas de diversos locais do país e de São Paulo, as artistas reúnem as vivências e experiências enquanto corpos periféricos para representar as diversas histórias e memórias de corpos em diáspora que seguem em luta e em busca de refúgio: indígenas, negros, mulheres, sertanejos, idosos. Cada composição visa refletir a relação de deslocamentos e atravessamentos sociais desses corpos pelo mundo. Os trabalhos versam sobre dualidade, lutas, "truas", movimento e liberdade. Com toda a vida passada fora do "centro", as artistas tomam o mural como espaço de batalha: batalha do afeto que estrutura novas relações possíveis a partir da arte. Afeto para poder aceitar-se e criar maneiras de seguir construindo um caminho mais plural dentro dos espaços, unidas também pelas diferenças comuns que trazem.

O grupo Trovoa é um levante nacional de artistas e curadoras racializadas. Nascido de um ateliê compartilhado em 2017 na cidade de Niterói, é a partir desse espaço de criação visual, intelectual e afetivo, que se compreende as singularidades de um coletivo formado por mulheres racializadas no universo artístico. Defendendo a ideia de um grupo não homogêneo, Trovoa galga um espaço de liberdade subjetiva

onde as expectativas e limitações do sistema legítimo de arte não sejam um enquadramento possível. Atualmente, o grupo se entende enquanto um movimento nacional, que concebe e desenvolve projetos artísticos em diversos estados do país.